

PÓVOA DE VARZIM

BOLETIM CULTURAL

VOLUME I

1958

NÚMERO 2

EDIÇÃO

DA

CÂMARA MUNICIPAL

A história local

Por MANUEL SILVA

Anda agora em grande voga a história local, na sua especialidade mais saliente, tendo merecido a grandes escritores a classificação de elemento de subido valor, para a elaboração da história nacional pura, ou para a reclamada rectificação dos erros e propositadas falsidades, de que está conspurcada a obra já escrita e até oficialmente imposta, como autêntica história da nação.

Não há dúvida de que, em rigor, a história de Portugal tem que ser um todo composto de verdadeiras moléculas, que são a narrativa da forma por que, nas diversas localidades, foram passados, recebidos e interpretados os acontecimentos de vulto e até os de somenos importância, pois de tudo se pode tirar partido, como a experiência da vida chega a ensinar que um facto aparentemente falho de alcance pode abrir caminho a conclusões diversas das esperadas.

Demais, a multiplicação dos testemunhos é processo fecundo de atingir a verdade e de uso forçado em trabalhos de tal natureza.

Tem-se obtido os mais interessantes e animadores resultados, com a conclusão de inquéritos e pesquisas de elementos que, por aí além, jazem dispersos e abandonados, sem se lhes ligar um mínimo valor.

Por certo que só com verdadeiras dedicações, com empenho decidido e com beneditina paciência, amparados por um critério esclarecido, que permita seleccionar a colheita de dados aproveitáveis, se pode chegar a frutuosa colheita.

Quando a imprensa periódica não tinha ainda a prodigiosa expansão que hoje adquiriu, ou pela edição diária dos jornais, pela diversidade dos assuntos versados, pela larga informação dos menores acontecimentos, ou pelas minuciosas reportagens, a propósito de qualquer caso, pela inteira notícia em expressão gráfica, pela tiragem a milhares por número — era difícil levar ao longe e até ao perto a notificação de qualquer novidade e guardar a memória dela para presentes e vindouros. Hoje, se não fosse a febre de precipitar a transmissão das novas, não dando tempo à crítica do que se escreveu, quase que se podia fazer história com as páginas dos periódicos.

Não era assim noutro tempo. As gazetas eram raras, de pequeno formato, publicidade irregular, de quase nula matéria noticiosa e de circulação arrastada. A história tinha que ser organizada, usando-se doutro meio, embora muito precário.

O século 18.^o foi o tempo das memórias individuais e estas a base das monografias das localidades. Como em França, houve em Portugal beneméritos que se dedicaram, com manifesto sucesso, a este género de pequena história, de que há numerosos trabalhos de considerável valor e que, no século seguinte e no actual, tiveram e têm imitadores providenciais, tão reconhecida foi a sua utilidade.

É claro que agora estes trabalhos tomaram uma feição de rigorosa verdade, pondo termo a simples notas pessoais, registos de intimidade e personalismo, ingénuas lembranças; não são despreciados estes sumários elementos, quando devidamente joeirados e integrados num plano geral, mormente quando a eles vêm adidos documentos originais ou por cópia, ou são completados com cotas de referência a obras de reconhecido valor.

Neste particular, têm-se extraviado, sem esperança de reconstituição, numerosos subsídios, de manifesto interesse e até de notável valia — um desastre lamentável.

Às regiões do poder, deve ficar isto acentuado, não tem sido indiferente a factura de bases para uma conscienciosa história local. Seja patente a ordem que baixou, em meados do século 18.^o, para umas *memórias paroquiais*, destinadas à organização do *Dicionário do P.^o Luís Cardoso*, memórias desgraçadamente destruídas pelos incêndios subsequentes ao grande terramoto de 1755, e reconstituídas, ainda bem, aí por 1758 e ainda arquivadas na Torre do Tombo; e mais uma portaria do antigo Ministério do Reino, nos fins da primeira metade do último século, na qual era ordenado a todas as Câmaras Municipais que organizassem um livro destinado a *Anais do concelho*, onde fossem lançadas todas as notícias de factos ou acontecimentos notáveis e ocorridos na área da sua jurisdição.

Infelizmente, poucas foram as Câmaras que cumpriram essa portaria, talvez por incompreensão, indiferença ou incompetência das suas vereações. A da Póvoa de Varzim foi uma delas: nem uma simples linha a honrar um livro aberto pelo Administrador Geral do distrito! Triste e deprimente!

Quantos esclarecimentos não ficaram perdidos, de mais a mais com o cunho de autenticidade oficial!

Monografias Poveiras

Por MANUEL SILVA

I

O núcleo dos elementos ou subsídios contidos nas memórias, lembranças, notas ou apontamentos que alguns curiosos ou mesmo interessados juntaram, aos poucos, no decurso dos factos ou acontecimentos de que eles foram testemunhas ou contemporâneos, têm, por isto mesmo, um valor fácil de reconhecer. Sem se lhes poder ligar a categoria de trabalhos com base larga, orientação sob determinado plano, sequência rigorosa, selecção critica, é mister tê-los na conta de auxiliares das monografias locais ou de meios de verificação da matéria contida nestas, sabido como é que a multiplicidade de depoimentos leva mais seguramente à aquisição da verdade, do que a pequena cópia dos mesmos.

Aqui, na Póvoa, houve alguns *memorialistas*, dos quais posso dar notícia, uns que se limitaram a pequenas informações de carácter pessoal ou de sucessos de limitada importância; outros a quem não passaram despercebidas as vantagens duma narração circunstanciada do que viram ou ouviram e, por vezes, acompanhada de documentos justificativos, o que é para encarecer altamente.

Segue, pois, uma pequena lista, para que o olvido total não suma os seus nomes de beneméritos:

— José António Alves Anjo, alferes da 22.^a companhia franca de ordenanças, vereador mais velho e juiz pela Ordenação, além doutros cargos públicos que exerceu interinamente e na efectividade, Alves Anjo revelou um instinto e um zelo de notável investigador (fins do século 18.^o, principio do 19.^o).

— José António Alves da Silva, filho do precedente, pequeno comerciante. Herdou do pai o costume de tomar notar das ocorrências do seu tempo e dos casos dados na família (1.^a metade do século 19.^o).

— Fr. Sebastião de S. Luis, da Ordem dos Agostinhos descalços reformados, vulgo *Grilos*, (no século Sebastião Luís Alves da Silva), neto de Alves Anjo. Continuou o pai e o avô na cole-

ctânea de elementos para a história local, corrigindo e completando os elementos existentes. Sob o anonimato, foi jornalista mordaz e ousado (2.^a metade do séc. 19.^o).

— Manuel Luís Monteiro Júnior, secretário da Administração do Concelho. Deixou úteis anotações às notícias de Brito Aranha, publicadas no 11.^o vol. do *Archivo Pittoresco* (2.^a metade do século 19.^o).

— David José Alves, proprietário abastado. Por informação de seu filho, o Dr. David José Alves, sei que era possuidor de apontamentos diversos, de interesse para a história da Póvoa (2.^a metade do século 19.^o).

— Manuel do Vale Souto, um dos mais antigos e importantes comerciantes e proprietários. Organizou vários canhenhos, recheados com as mais variadas notas. Os desmemoriados tinham, nesses simples registos, as datas que mais lhes eram precisas, como as de nascimentos, casamentos, óbitos, festas oficiais, inícios de obras e ainda informações variadíssimas e de manifesta utilidade (2.^a metade do século 19.^o e principios do 20.^o).

Dos quatro últimos fui contemporâneo, cumprindo-me esclarecer que as indicações das épocas em que eles escreveram são apenas aproximadas, sem qualquer precisão, pela manifesta impossibilidade de fixar o tempo em que esses indivíduos iniciaram e terminaram a sua tarefa, que cumpre elogiar, como preito à sua memória.

Passe-se, agora, às monografias pròpriamente ditas.

II

Pondo de parte os elementos de referência à localidade, contidos em obras do tipo da *Corografia* do P.^o Carvalho da Costa, por serem demasiadamente sumários, merecem registo os trabalhos que se seguem e nos quais existe o cunho de monografia bem caracterizada.

— *Noticia do Doutor Leandro Rodrigues*, a mais antiga que se conhece e que denota ter sido escrita para base do *Dicionário* do P.^o Cardoso. Não está datada, mas pode reportar-se a pouco depois de 1750. O Doutor Leandro Rodrigues, que era também Padre, foi pessoa qualificada; e meréce, em especial, alguns traços biográficos, o que ainda farei, se Deus me der vida e saúde. O seu trabalho tem esta apreciação de Alves Anjo: «Athe qui he noticia he do Dr. Leandro Rodrigues; e se mostra ser m^{to} mais antiga esta relação do que a de Franc^{co} Felles Henriques da Veiga Leal a quem dou mayor credito pelas suas autenticas averiguaçoens, pelas quaes se contradis em m^{ta} parte a esta etc.». Está inédita.

— *Noticia da Villa da Povoá de Varzim, feita a 24 de Mayo de 1758.* Foi seu autor Francisco Félix Henriques da Veiga Leal, Fidalgo da Casa Real, Governador da Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição da Póvoa de Varzim, graduado em tenente de infantaria.

Esta notícia é feita em forma de questionário, com 27 perguntas e as respostas a elas; e foi organizada para substituir a anterior, perdida, como muitas outras, no terramoto de 1755.

Foi publicada, em folhetins, pela *Gazeta da Póvoa de Varzim*, o primeiro jornal que se criou na mesma vila.

— *Memorias Historicas da Villa da Povoá de Varzim, pelo presbytero José Joaquim Martins Gesteira*, opúsculo saído da tipografia de J. J. Gonçalves Basto, no largo do Corpo da Guarda, 106 — Porto — 1851/2. Teve uma 2.ª edição da tipografia Landolt — Póvoa de Varzim.

É interessante e mostra ser uma actualização da obra de Veiga Leal. O Padre José Gesteira era culto e escrevia com facilidade e tinha uma veia satírica apreciável. Aí por 1850 e tal, foi proposto deputado e obteve uma votação notável, pelas suas ideias liberais e por cobrir a sua candidatura com as reclamações da classe piscatória; mas essa eleição foi audaciosamente falseada, pelos representantes da política adversa, que era a do governo de então, de nada valendo os protestos dele e dos amigos, pelo que não foi ao parlamento.

— *Villa da Povoá de Varzim*, estudo de Pedro Venceslau de Brito Aranha, considerado escritor e jornalista, que fez publicar vários compêndios para escolas de primeiras letras e foi o continuador do afamado *Diccionario Bibliographico*, de Inocêncio Francisco da Silva. Esse estudo foi publicado no 11.º vol. do *Archivo Pittoresco*, com algumas inexactidões, que Manuel Monteiro corrigiu e Brito Aranha ainda inseriu no citado 11.º vol. do *Archivo*, correspondente a 1868. Mais tarde, em 1871, appareceu uma nova e correcta publicação, nas *Memorias Historico-Estatísticas*, do mesmo autor. Constituem também actualização ao que escreveu o Padre Gesteira.

— *Varazim de Jusaão, nas formulas municipaes d' Herculanó e A Evolução d'um Municipio*; este, trabalho de explanação daquele, pelo autor do presente artigo e publicado na *Revista de Historia*, órgão da *Sociedade Portuguesa de Estudos Históricos*, com sede em Lisboa e hoje extinta. O primeiro trabalho ficou completo, mas o segundo não, e apenas com alguns capítulos, em virtude do desaparecimento de tal *Revista*, que era dirigida pelo distinto Professor Fidelino de Figueiredo, um dos mais graduados literatos portugueses.

— *A Póvoa de Varzim*, por Viriato Barbosa, monografia ilustrada e vinda à luz em 1937, que também pode ser considera-

da como actualização e desenvolvimento dos trabalhos anteriores. Apresenta a particularidade, muito para avaliar, do autor deixar na sua obra consignadas recordações da sua primeira mocidade, referências de ouvido a diversos factos, pormenores curiosos e subitidos para solução de alguns problemas, que ficam pendentes, quanto à origem da vila e aos primeiros passos que esta tem dado no caminho do sucessivo progresso que a tem animado.

É manifesto que todos estes estudos estão sujeitos a cuidadosas revisões, porque não ficaram esgotadas as possibilidades da colheita de novos dados históricos, que só um acaso feliz ou uma indagação levada ao extremo podem revelar, à custa de porfiados esforços, que uma vida só não pode abranger.

O que há, junto ao que anda disperso pelos jornais e revistas da localidade — menciono com justiça *A Póvoa de Varzim*, criada por João Agostinho Landolt — forma um conjunto de materiais para obra de fôlego, já que em História nada se pode considerar isento de revisão ou rectificação.

O que há a fazer é aguardar os ensejos propícios e a boa vontade dos estudiosos.

A Voz da Póvoa
19/5 e 23/6/1938